

ACERCA DE DIVERGÊNCIAS LEXICOLÓGICAS EM DICIONÁRIOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

José Uedison Nomeriano

Universidade Estadual de Alagoas

nomeriano@ig.com.br

RESUMO

Este artigo analisa cinco dicionários da língua portuguesa. Demonstra que existem incongruências lexicográficas neles. Destaca, ainda, o papel do léxico para a eficiência das relações socioculturais estabelecidas pela linguagem. Revela a enorme necessidade de construção e permanente reconstrução de um vocabulário dicionarístico preciso e consensual. Relaciona a tipologia dicionarística. Situa a lexicologia e a lexicografia como objetos de estudo. Apresenta causas das mudanças de sentido das palavras. Cita efeitos das divergências lexicológicas. Registra as unidades do léxico. Caracteriza as relações de significado. Identifica as formações das palavras e propõe método para o registro consensual lexicográfico.

Palavras-chave: dicionários, incongruências, léxico, linguagem, lexicologia, lexicografia.

ABSTRACT

This article discusses three Portuguese language dictionaries, demonstrates that there are inconsistencies lexicographical them, highlighting the role of lexicon for the efficiency of sociocultural relations established by language and reveals the enormous need for construction and reconstruction of a permanent dicionarístico precise vocabulary and consensual. To do this, relates the typology dicionarística, situated Lexicology and lexicography as objects of study, presents causes of changes in the sense of the words, CITES divergences lexicológicas effects, registers the lexical units, characterizes relations of meaning, identifies the formations of words and proposes method to the consensual lexical registry.

Keywords: dictionaries, inconsistencies, lexicon, language, Lexicology, lexicography.

INTRODUÇÃO

Divergências lexicológicas causam falta de uniformidade semântica em dicionários brasileiros contemporâneos, porque os registros divergentes em dicionários semasiológicos implicam mudanças de sentido das palavras.

Este trabalho de pesquisa pretende demonstrar que a incongruência dicionarística é uma das causas do uso indevido da língua, fato registrado por consulentes com senso crítico linguístico. Dicionários semasiológicos uniformes e consensuais permitiriam uma comunicação sem barreiras, propiciando concordância e harmonia linguística entre os usuários; porém, é possível que a disputa comercial imponha-se e torne essa aproximação — que poderia ser benéfica — prejudicial para a língua portuguesa. Dicionário deve ser modelo de credibilidade, obra em que os consulentes possam pesquisar e ter certeza de que o uso de determinado verbete não deturpe a língua.

Enganam-se os que pensam que os dicionários não podem prejudicar o uso e a estrutura do léxico. Acepções ou conceituações consignadas de forma divergente e aplicadas ao uso da língua causam uma miscelânea de sentidos prejudicial para os atos de comunicação.

Segundo Ullman (apud MARÇALO, 2005):

A lexicologia tem por objetivo estudar a morfologia e a semântica lexicais. Tendo em conta que o léxico é o nível linguístico que mais facilmente emerge na consciência dos locutores, dado estar diretamente relacionado com a significação e como tal, com o mundo em que vivemos, constatamos que amiúde os métodos da lexicologia têm sido inspirados por outras disciplinas que não a linguística, como a psicologia, a filosofia, a lógica, a sociologia etc. Consideramos, apesar de tudo, que a lexicologia pode e deve fazer uma investigação tão isenta de subjetividade quanto possível, tal como se tem feito noutros domínios, como no da fonologia, por exemplo.

A lexicologia abrange domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, e relaciona-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. Neste âmbito, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam à lexicologia.

A língua portuguesa ainda não possui um dicionário do padrão das grandes obras internacionais, cujo modelo de perfeição é o “Oxford English Dictionary”, conforme <http://wikipedia.org> Acesso em: 1.º de set. 2007. Iniciado em meados do século XIX, muito antes dos brasileiros, esse modelar dicionário britânico de 450 mil verbetes se apoia em uma rígida metodologia lexicográfica – a ciência dos dicionários. Para explicar termos contemporâneos em suas páginas e incluir palavras, ele recorre a um banco de textos que reúne a estratosférica cifra de 500 milhões de vocábulos. O “Bank of English”, como é conhecido, é alimentado por registros representativos da língua contemporânea, e mais um tanto de fontes literárias, outras de jornais e revistas e assim por diante. O método permite à obra dicionarizar palavras que realmente aparecem com frequência na vida dos falantes do inglês. O lastro dos textos de referência preserva ainda o significado exato dos termos no contexto em que eles foram usados.

Os dicionários brasileiros se utilizam de nominatas – relação de verbetes recolhidos pelos lexicógrafos a partir de publicações variadas. Falta critério científico para produzi-los. A consequência é a inclusão aleatória de vocábulos. Para evitar tal problema, este projeto propõe um método para o registro consensual lexicográfico por meio de uma associação de classe.

O estudo da tipologia dicionarística, das unidades do léxico, da caracterização das relações de significados, da identificação das palavras, da lexicologia, da lexicografia, do método seguro e consensual de registros lexicológicos, das possíveis causas das mudanças de sentido das palavras, dará subsídios para analisar dicionários contemporâneos de língua portuguesa, possibilitando a comprovação de divergências lexicológicas neles.

MÉTODO

Este referencial teórico tem por metodologia corroborar a análise dos pesquisadores sobre os vários equívocos lexicológicos praticados por dicionaristas da língua portuguesa no Brasil. As possíveis causas do problema apresentado são expostas de modo pertinente. As consequências são comprovadas pela equivocação causada aos usuários da língua portuguesa em nosso país, que confundem *diferenciar* e *diferençar*, por exemplo.

Ante a iminência dos problemas linguísticos descritos, foi necessário apelar para os arguidores do assunto de forma imediatamente conclusiva, abordando os fatos sem prejuízo da captação do que se quer expor. Por essa razão, citam-se: Não erre mais (SACCONI, 1987); Só erra quem quer (CRUZ NETO, 1990); Não confunda (SACCONI, 1990); Todo o mundo tem dúvida, inclusive você (OLIVEIRA, 1999).

Para efeito de comprovação de registros incongruentes, citamos o Dicionário Eletrônico Houaiss (2002), que apresenta a palavra duplex como oxítona. Já o Dicionário Eletrônico Aurélio (2004), apesar de registrar dúplex como paroxítona, diz também, que se pronuncia correntemente como oxítona. Enquanto que o Dicionário Eletrônico Michaelis (2000), traz duplex como adjetivo e dúplex, como numeral. Já Sacconi (1987) diz que é dúplex (paroxítona) e lembra também que a prosódia é látex e não latex. Tudo indica que a pronúncia é dúplex, pois toda palavra terminada em x quando é paroxítona, deve ser acentuada: tórax, bíplex, fênix etc.

Houaiss (Op. cit.) registra aético indicando que é o mesmo que anético. Aurélio (op.cit.) somente apresenta a palavra anético. Michaelis (op.cit.) nem registra o termo. A esse respeito nos diz Sacconi (1987): “alguns dicionaristas desconhecem o fato de que as palavras gregas iniciadas por vogal são antecedidas de an e não a. Se não vejamos: anarquia, anemia, anônimo, anelétrico etc. Se a palavra grega (ético) é iniciada por consoante, então temos o prefixo a: ateu, apolítico, acéfalo etc”.

Houaiss (2002) consigna a palavra alcoólatra como aquele que se entrega à doença do alcoolismo. Aurélio (op.cit.) diz que alcoólatra é o mesmo que alcoólico. Para Michaelis (op.cit.) é pessoa viciada em bebidas alcoólicas.

A entidade conhecida por AA – Alcoólicos Anônimos seria mais bem denominada Alcoólatras Anônimos, já que, nesse caso, alcoólatra é puro substantivo, enquanto que na expressão Alcoólicos Anônimos, a palavra alcoólicos é adjetivo, funcionando como substantivo qualificado pelo adjetivo anônimo.

Houaiss (2002) apresenta duas entradas para biótipo e biotipo. Aurélio (op.cit.) somente consigna biótipo, mas apresenta biotipo como pronúncia corrente no Brasil. Já Michaelis (op.cit.) registra biotipo como variante de biótipo. Pelo método da analogia com palavras que apresentam as mesmas características, deveríamos ter biótipo confrontando com fenótipo, protótipo e genótipo.

Ainda para Houaiss, boemia é substantivo feminino menos correto e mais usado que boêmia. Aurélio (op.cit.) registra boêmia e apresenta boemia como forma paralela.

Michaelis (op.cit.) consigna boêmia como entrada principal e boemia como variante prosódica. Cruz Neto (1990) diz que tanto o topônimo Boêmia como o substantivo boêmia, que serve para designar vida airada, vadiagem, devem ser pronunciados com e tônico, isto é, paroxitonamente (= acento tônico incide na penúltima sílaba).

Sabe-se que cabeceada é a forma como o atleta bate com a cabeça na bola, direcionando-a, preferencialmente, para a meta adversária. No entanto, Houaiss (op. cit.), na rubrica esportes, apresenta cabeçada e cabeceada, tendo as mesmas acepções, ao mesmo tempo em que define cabeçada como pancada voluntária ou involuntária, que se dá com a cabeça. Parece-nos mais lógico considerar a cabeceada como voluntária e a cabeçada como involuntária, pois o sufixo -ada indica resultado da ação. Aurélio (op.cit.) registra cabeçada na rubrica futebolística como “ato de atirar ou rebater a bola com a cabeça”. Já Michaelis (op.cit.) não apresenta cabeçada com essa rubrica.

Houaiss (op.cit.) consigna a palavra camião como o mesmo que caminhão (com h). Aurélio (op.cit.) registra caminhão do francês camion que recebe influência de “caminho” e se transforma em caminhão (com h), que dá a impressão de caminho grande, por conta do sufixo aumentativo ão. Michaelis (op.cit.) somente registra caminhão. Conforme Sacconi (op.cit.): “caminhão, ainda que forma consagrada foi criada arbitrariamente, já que o francês camion somente nos poderia fornecer camião, que, aliás, não tem graça nenhuma. De caminhão surgiu a caminhonete, muito mais popular que camioneta, aportuguesamento do francês camionette.”

De acordo com Sacconi (1995):

Se coerência ainda vale alguma coisa, a palavra certa é camioneiro, e não caminhoneiro, conforme se vê num dicionário moderno e até no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, editado pela Academia Brasileira de Letras. Camioneiro nada tem a ver com caminho. O radical francês camion, acrescido do sufixo -eiro nos dá camioneiro, assim como esse radical, acrescido de -eta nos fornece camioneta, que o povo achou melhor trocar por caminhonete, por influência do nh de caminhão, forma que, se diga, foi criada arbitrariamente, já que o francês camion só nos poderia trazer camião. Note-se, ainda, que Aulete registra camionista (camion+ista), mas abona caminhonista; registra também camionagem sem fazer referência a caminhonagem. Por algo será... Será então, errado escrever caminhoneiro? Não, porque nossas autoridades já consagraram tal forma. Urge, contudo, conhecer os fatos.

Outro caso de divergência em dicionários brasileiros diz respeito à palavra cangote, que Houaiss (op.cit.) registra por influência de canga, e como mais usado que cogote, enquanto Michaelis (op. cit.) assinala cangote como região occipital, nuca e aponta como variante popular cogote. Aurélio (op. cit.) diz que cogote se origina do espanhol cogote e dá exemplo de uso: “Não havia outro cão como aquele, para dar com uma ovelha tresmalhada e trazê-la, se fosse preciso, suspensa da boca, pelo cogote, sem lhe fazer mal” (MONTEIRO apud HOLANDA, 2001). Para Cruz Neto (op. cit.) “o que temos em linguagem apurada é, sem dúvida, cogote e não cangote. O povo é que por influência de canga (= arreios) vai dizendo cangote.” Acreditamos que a primeira entrada deveria ser cogote e a variante prosódica cangote por influência de canga, uniformizando, assim, o registro do verbete.

A grafia do léxico em dicionários pressupõe um registro consensual, porém o que vemos é Houaiss (op.cit.) grafar a palavra deficit, sem acentuação, e de forma alatinada. Aurélio (op. cit.) consigna déficit com acento agudo indevido, pois, se a palavra está escrita à maneira latina, não deve ser acentuada, já que em latim não há acento agudo. Michaelis (2000) comete o mesmo equívoco de Aurélio (op. cit.). Tudo leva a crer que somente Houaiss (op. cit.) apresenta a forma mais coerente. Poderíamos aportuguesar essa palavra para défiçe, aí sim, teríamos o acento agudo por se tratar de palavra proparoxítona. O mesmo fato ocorre com a palavra superávit nos dicionários pesquisados. Concluímos também que a grafia aportuguesada é a mais coerente, ou seja, superávite.

Constatam-se, também, os registros de diferenciar e diferençar. Houaiss (op.cit.) assinala que diferenciar é o mesmo que diferençar. Aurélio (op. cit.) também. Já Michaelis (op. cit.) apresenta um registro mais convincente ao dizer que diferenciar significa calcular ou achar a diferença, e diferençar quer dizer estabelecer diferença.

A esse respeito diz Sacconi:

Embora quase todos os dicionários registrem esses verbos como sinônimos, há que diferenciá-los. Diferençar é distinguir, discriminar, estabelecer diferença entre: Ele não sabia diferençar um verbo de um substantivo. É preciso saber diferençar alhos de bugalhos. No Brasil ninguém diferença homem de mulher, pobre de rico. Diferenciar é alterar, mudar, transformar: Alguns deputados gostariam de diferenciar certos itens do projeto, mas não foi possível. A cor dos carros diferencia com o passar dos tempos. Ficou trinta dias na praia;

sua pele diferenciou tanto que ninguém mais o reconheceu (1987, p. 187).

Estádio e estágio são verbetes que também apresentam incongruência semasiológica, se não vejamos: Houaiss (2002) registra estádio como o mesmo que estágio; Aurélio (2004) apresenta estágio significando aprendizado, exercício, prática; e estádio com o sentido de fase, período, época; Michaelis (2000) registra estágio como período, fase; como também tempo de prática para o exercício de certa profissão. Ao registrar estádio com o significado de época, período, Michaelis demonstrou divergência semasiológica, porque segundo os próprios lexicógrafos estádio veio do grego estadium, e estágio do francês stage, que por sua vez, veio do latim medieval stagium. Portanto, troncos linguísticos diferentes somente podem dar sentidos diferentes.

Ao longo da pesquisa, pode-se constatar que a acepção das palavras estadia e estada apresenta incongruência, visto que, Houaiss (op.cit.) conceitua a palavra estadia como permanência, estada por tempo limitado, apresentando como exemplo pessoa ou navio, ou seja, para ele tanto faz estadia de navios ou de pessoas. Já Aurélio (op.cit.) considera estada para pessoas e estadia para navios, o que parece mais coerente.

Vejamos o que diz Cruz Neto (1990, p. 52) a esse respeito:

Não são poucos os que dessabem ou encontram ainda dificuldade no uso correto das palavras estada e estadia. Não vemos, sinceramente, razão para tanto. Filólogos de nomeada como Mário Barreto e Rui Almeida, e até lexicógrafos famosos mostram que estada significa permanência, demora em algum lugar. Estadia, por seu turno, é “o prazo para carga e descarga de um navio no porto”. Na verdade, vem ocorrendo modernamente com a palavra estadia uma extensão semântica, de sentido, o que, sem dúvida, tem colaborado para outras dificuldades.

A classificação de Roudet (apud MARQUES, 2001, p. 36) leva em conta quatro tipos básicos de mudanças de significado: (1) alterações semânticas decorrentes de semelhanças entre duas noções (metáforas); (2) alterações semânticas decorrentes de contiguidade entre duas noções (metonímia); (3) alterações semânticas decorrentes de semelhanças formais entre palavras (etimologia popular, homonímia, paronímia); (4) alterações semânticas decorrentes de continuidade entre palavras (elipse). Tudo leva a

crer que o caso de estada e estadia se classifique entre as alterações semânticas decorrentes de semelhanças formais (paronímia): palavras parecidas na escrita e na pronúncia.

Os dicionários Houaiss e Michaelis, alvos desta pesquisa, registram hidravião e hidroavião indistintamente, porém, Aurélio (op.cit.) consigna apenas hidravião, configurando, dessa forma, mais uma divergência lexicológica, que é explicada de modo muito coerente por Cruz Neto (1990, p. 63), ao escrever:

No processo de formação de palavras, como a aglutinação, registra-se a perda da vogal átona final da primeira palavra. Com isso, temos inúmeras expressões assim em nossa língua. Vejamos algumas: hidro+elétrico= hidrelétrico; plano+alto= planalto; gastro+intestinal= gastrintestinal. Logo, só podemos dizer corretamente: hidravião.

Outra divergência em dicionários citados é quanto às palavras maquiagem/maquilagem. Aurélio (op.cit.) registra maquiagem como ato ou efeito de maquiar-se; conjunto de produtos de beleza utilizados para maquiar e, em seguida, fala em forma paralela: maquilagem. Enquanto que Michaelis (2000) consigna maquiagem substantivo feminino, maquilagem.

Vejamos o que nos tem a dizer Cruz Neto (1990, p.78):

Não há menor dúvida de que maquilar (=pintar, mascarar, disfarçar) é a única forma que devemos ter, digamos, na conta de linguagem correta. Do francês maquiller, encontramos principalmente a vernaculinização em maquilhar de que fizeram uso bons escritores e, hoje em dia, a forma maquilar ao lado de maquilagem. Apenas um exemplo clássico: “É o homem que se encalamistra, é a mulher que se maquilha” (C. de Figueiredo). E agora uma passagem de autor moderno com a forma maquilagem: “Meu próprio rosto... traço mais velho, muito mais velho... Com maquilagem de atriz decadente.” (Diná Silveira de Queirós apud Luiz Carlos Lessa) – O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa.

Com respeito a habitat que Aurélio e Michaelis grafam hábitat com acento agudo, Houaiss (2002) registra habitat, sem acento mesmo, divergindo, pois, de Aurélio e Michaelis. Desconhecemos palavra da língua portuguesa genuína, ou mesmo

vernaculinizada que termine em consoante t. Portanto, coerentemente, devemos ter habitat, à moda latina e sem acento agudo, ou hábita de forma aportuguesada.

Vejamos o que nos diz o Dicionário Aberto – que aqui vamos denominar, para efeito deste estudo, de Dicionário A – acesso em <http://www.dicionario-aberto.net/search>, sobre a palavra carroça: “Carro grosseiro, com resguardo de grades ou taipais”. (do b. lat. *carrocia*). Já o Dicionário “Online” de Português – que aqui denominaremos de Dicionário B – acesso em <http://www.dicio.com.br/>, registra: “Transporte puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi.” Em verdade a palavra adequada é hipomóvel, do grego hipo (cavalo) e mobilis (que se move).

O Dicionário B grafa o vocábulo foro como “quantia ou pensão, que o ‘emphyteuta’ de um prédio paga anualmente ao senhorio direto”. Domínio útil de um prédio; encargo habitual; uso ou privilégio, garantido pelo tempo ou pela lei; imunidade; tribunais judiciais; jurisdição: *o foro civil; o foro comercial*. Enquanto que o Dicionário A registra fórum como sinônimo de foro. Porém, o que temos como rigorosamente certo é foro – lugar onde está situado o poder judiciário e que abriga os tribunais; assembleia ou reunião cujo propósito é discutir um tema. Por extensão, Internet – local eletrônico específico, ou “site”, em que várias pessoas debatem uma questão determinada.

Dando continuidade às divergências dicionarísticas, atentemos para o que nos diz o Dicionário B a respeito do termo agilizar: tornar ágil, desenvolver. A esse respeito, nos relata o Dicionário A: realizar (alguma coisa) com rapidez; fazer com que fique mais rápido; dar velocidade a. Agilizar é sinônimo de estimular, agilizar. Agilizar forma preferencial agilizar. Afinal o mais importante é a forma preferencial ou a etimologicamente certa? Diz-se agilizar por analogia aos verbos com a desinência “izar”. Grafemos, portanto, agilizar.

O Dicionário A consigna, de forma acertada, cogote como região occipital, cachaço, nuca, cuja variante linguística é nuca. Mas, infelizmente, diz que cogote é sinônimo de cangote. O Dicionário b registra apenas cogote. A verdade é que se diz cangote por analogia prosódica à canga de boi.

Ambos os dicionários registram a palavra calango, equivocadamente, pois, como sabemos o sumiço do fonema r, deste vocábulo, configura-se na lei do menor esforço

linguístico (quanto menos fonemas falar é melhor e mais cômodo para o falante da língua portuguesa no Brasil). Sendo assim, digamos calangro que vem a ser uma espécie de lagarto.

Num mesmo Dicionário, como o caso do A, encontramos registros incongruentes de palavras, em que se grafa “ar-condicionado” e “condicionador de ar” com o mesmo significado: aparelho para condicionar ou regular a temperatura e o grau higrométrico do ar. Isso não é um equívoco, visto que, condicionador de ar é o aparelho que condiciona o ar sob determinadas condições térmicas. Enquanto que ar-condicionado é o ar obtido do aparelho cujo nome é condicionador de ar, portanto é bom não confundir.

Segundo o Dicionário A, a palavra cutucar significa dar sinal a, tocando com o dedo, o pé ou algum objeto, em advertência muda. Relata ainda que é o mesmo que catucar e sinônimo de chuchar. O Dicionário B registra cutucar como sinônimo de catocar. Para corroborarmos essa afirmação, constatamos que nenhum deles afirma, o que seria o certo, que catucar é uma variante prosódica de cutucar.

O Dicionário A traz a palavra biotipo, considerando-a como paroxítona. Enquanto o B registra como proparoxítona, biótipo, provando a falta de similitude apresentada entre eles. Por analogia a palavras tais como: fenótipo, protótipo, genótipo, tudo leva a crer que a pronúncia correta é biótipo.

Projétil ou projétil. Estas duas formas de escrita da palavra existem na língua portuguesa e estão corretas, conforme o Dicionário A, que define uma e/ou outra como corpo ao qual, em consequência de um impulso, pode ser comunicada velocidade e dada determinada direção. Já o Dicionário B, registra somente projétil, definindo como: o que pode ser arremessado; que produz projeção; qualquer corpo sólido e pesado, que se move no espaço, abandonado a si próprio, depois de receber um impulso; qualquer objeto, que se arremessa para fazer rmal; corpo, arremessado por uma boca de fogo. Do Lat. hyp. *Projectilis* sinônimo de *rejeito*. Tudo indica que a questão em pauta seja meramente prosódica, não havendo, portanto, diferenças semânticas nas palavras ora analisadas. Como vemos, esses lexicógrafos apresentam também divergências lexicográficas em suas obras.

Há duas palavras as quais o falante da língua portuguesa, do Brasil, confunde frequentemente: bujão e botijão. O Dicionário A nos diz que “bujão é rolha metálica para atarraxar, que se usa em automóveis, tanques etc. Bucha de madeira para vedar fundos ou bueiros a bordo. Pequena cunha para apertar cavilhas.” E apresenta como sinônimo de garrafa, bilha, botijão, tampão, rolha, batoque, cunha.

O Dicionário A registra bujão como sinônimo de bucha, rolha, cunha, com que se tapam bueiros ou fendas, a bordo. O que constatamos é que em ambas as acepções vemos contradições. Podemos dizer, com acerto, que bujão é um tipo de rolha usado em cárter de carros e canos de água. Enquanto botijão é o recipiente de gás de cozinha e, é assim chamado, por se assemelhar a uma botija grande.

Outro caso emblemático refere-se à palavra gilete – metonímia usada largamente. O Dicionário A define como: lâmina de fazer a barba, fabricada por Gillette (nome comercial). O B conceitua gilete como qualquer lâmina descartável de barbear, usada para esse ou outros fins, com ou sem o aparelho que a sustenta em posição própria para ser utilizada. O Dicionário A usa o verbo genérico “fazer” a barba de modo inadequado. O B define como “qualquer lâmina”, mostrando claramente incogruências entre eles. O que ocorre nesse caso é que os falantes do português no Brasil trocam, em muitos casos, a marca pelo produto. A marca é “Gillete” e o produto é a lâmina de barbear, caracterizando o emprego da metonímia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O léxico de uma língua constitui-se num acervo de signos linguísticos por meio dos quais o homem não apenas se comunica, mas também cria e armazena conhecimentos, refletindo o universo cultural de uma sociedade. Os dicionários são, pois, exemplos em que os membros de uma comunidade se reconhecem como nativos e como participantes de uma cultura. Dessa forma, torna-se imprescindível que o pesquisador tenha consciência da importância do léxico no seu dia-a-dia e dos repertórios que armazenam esse léxico, ainda que tenha conhecimentos suficientes sobre o manuseio de obras lexicográficas, bem como de suas limitações, dos problemas que envolvem a confecção de dicionários e que saiba criticá-los.

Mapear e registrar palavras usadas numa língua é fundamental. Os dicionários estabelecem a geografia e a anatomia da língua que usamos. São peças vitais no desenvolvimento de qualquer povo. Não há nações desenvolvidas sem grandes dicionários.

O desejo de tornar a comunicação eficaz, por intermédio do uso de dicionários adequados — em que haja consenso de acepções e conceituações — impulsionou a realização deste trabalho.

Por todos os aspectos relatados, vimos que as divergências lexicológicas podem causar falta de uniformidade semântica e, por conta disso, os usuários de dicionários semasiológicos poderão, mediante consulta, praticar mudanças indevidas de sentido no uso de palavras, verbetes e expressões dicionarísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dicionário Aberto acesso em <http://www.dicionario-aberto.net/search>.
Dicionário “Online” de Português acesso em <http://www.dicio.com.br/>.
Dicionário Eletrônico Aurélio. Versão 5.0. 3. ed. Positivo, 2004.
Dicionário Eletrônico Houaiss. Versão 1.0. 5. ed. Objetiva, 2002.
Dicionário Eletrônico Michaelis. Versão 5.1. DTS Software Brasil Ltda. 1998.
CRUZ NETO, Antônio. Só erra quem quer. Iglu: São Paulo, 1990.
MARÇALO, Maria João. Disponível em
<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/1/lexicologia>.
MARQUES, Maria Helena Duarte. Iniciação à semântica. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
OLIVEIRA, Édison de. Todo o mundo tem dúvida, inclusive você. 4. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
SACCONI, Luiz Antonio. (10.^a edição) 1987. São Paulo: Ática
_____. (19.^a edição) 1990. São Paulo: Ática.